Operarios! 1º de M[illegible] dia de protesto contra [illegible]

O SYNDICALISTA

Anno II — Numero 12 | Orgam da Federação Operaria do Rio Grande do Sul | Porto Alegre, 15 de Abril de 1920

Declaração de principios do Syndicalismo

A actual ordem social, que tambem é chamada a do capitalismo, baseia-se na escravização economica, politica e social do povo operoso e encontra sua expressão essencial — de um lado no chamado direito de propriedade, isto é no monopolio da posse e de outro lado, no Estado, que é o monopolio da força. Com a monopolizaç o das terras e dos outros meios de producção nas mãos de pequenos grupos sociaes privilegiados, são as classes productoras obrigadas a vender suas faculdades espirituaes e physicas aos proprietarios afim de poderem ir vivendo e, em consequencia disso, têm ellas de ceder aos monopolizadores uma parte consideravel do resultado de seu trabalho. Levadas, por essa forma, obrigatoriamente, á posiç o de servos da gleba, não têm ellas a menor influencia sobre a marcha e o conjunto da producç o, a qual é entregue completamente ao direito de propria determinação por parte dos capitalistas. E', pois, muito natural que, em um tal estado de cousas, a base da actual producção de mercadorias não seja determinada pelas necessidades dos homens, mas, e em primeira linha, pela probabilidade de lucro a ser auferido pelos empresarios. E, como tal systema sirva de base tambem á permuta e distribuição dos productos, iguaes serão tambem nesse terreno as consequencias, que se evidenciam em uma exploração sem escrupulo exercida sobre as grandes massas em favor de favor de uma pequena minoria de proprietarios. Si a espoliação do productor constitue por um lado o fim mais ou menos velado da producção do capitalismo, por outro lado é o artificio enganoso applicado ao consumidor o fim verdadeiro do commercio capitalista.

Sob o systema do capitalismo ficam dependendo dos monopolistas todas as conquistas da sciencia e do progresso espiritual. Cada novo desenvolvimento no terreno da technica, da chimica, etc., concorre para augmentar desmedidamente as riquezas das classes proprietarias em contraste pavoroso com a miseria de grandes camadas sociaes e promovendo a constante incerteza economica das classes productoras. Com a luta ininterrupta dos diversos grupos nacionaes do capitalismo pelo dominio sobre os mercados, fica criada uma causa constante de crises internas e externas, que periodicamente se descarregam em guerras devastadoras, sob cujas horriveis consequencias são ainda as camadas inferiores da sociedade as que quasi exclusivamente vêm a soffrer.

A separação social de classes e a luta brutal «de todos contra todos», esses signaes caracteristicos da ordem que vigora no capitalismo, produzem, ao mesmo tempo, um effeito degenerescente e fatal sobre o caracter e o sentimento moral do homem, atirando para o ultimo plano as qualidades inapreciaveis do auxilio mutuo e do sentimento solidario de cohesão, essa herança preciosa que a humanidade recebeu dos periodos anteriores de seu desenvolvimento, e substituindo essa herança por lances e habitos doentios e antisociaes, que vêm a se condensar no crime, na prostituição e em todos os outros phenomenos da podridão social.

Com o desenvolvimento da propriedade particular e os contrastes sociaes dahi decorrentes nasceu para as classes proprietarias a necessidade de uma organisação politica armada de todos os meios violentos da technica e destinada a proteger os privilegios dessas classes e a conservar na submissão as grandes massas. Essa organisação é o Estado. Uma vez que este é, em primeira linha, o producto de um monopolio particular e da divisão de classes, tambem sua acção, já que elle existe, consistirá em empregar todos os meios da astucia e da violencia para conservar de pé esse monopolio e essa diversidade de classe e, por consequencia, contribuir para a perpetuação da escravização economica e social das grandes massas do povo. Assim é que elle, no decorrer de seu desenvolvimento, se transformou na mais violenta instituição exploradora da humanidade civilisada.

A forma externa do Estado em nada modifica esse facto historico. Monarchia ou republica, despotismo ou democracia, todas essas encarnações representam, apenas, diversas maneiras politicas de se apresentar o systema sempre economicamente explorado. E' verdade que essas maneiras se distinguem umas das outras em sua conformação externa, nunca, porém em sua essencia intima, pois, em todas essas manifestações, ellas são apenas a corporificação da força organizada das classes proprietarias.

Com a criação do Estado começa a era da centralização, da organisação artificial, que vae de cima para baixo. A Igreja e o Estado foram os primeiros representantes desse systema e se têm conservado até hoje como seus esteios mais vigorosos. E, como esteja na essencia do Estado submetter á sua autoridade todas as ramificações da vida humana, teve o methodo da centralisação de apresentar consequencias tanto mais funestas quanto maior possibilidade tinha o Estado de alargar e completar a esphera de suas funcções. E o centralismo será sempre a extrema corporificação desse systema, que entrega englobadamente a determinadas pessoas a liquidação de assumptos que pertencem a todos.

E é assim que o individuo se converte em um titere que é dirigido e governado desde cima, não passando de uma roda morta em immenso mechanismo. Os interesses da generalidade têm de ceder espaço aos privilegios de uma minoria, assim como a iniciativa pessoal o terá de fazer á ordem que vem de cima, a heterogeneidade á uniformidade, a responsabilidade intima a uma disciplina passiva, a educação da individualidade a um adestramento despido de espiritualidade — e isso tudo com o fim de formar subditos leaes, que não ousem tocar nos alicerces daquillo que existe, verdadeiros e conformados objectos de exploração para o mercado de trabalho instituido pelo capitalismo. Assim é que o Estado se torna o empecilho mais poderoso de todo o progresso e de todo o desenvolvimento cultural e passa a ser o mais formidavel bastião das classes proprietarias contra os esforços libertarios do povo operario.

Os syndicalistas, na clara percepção dos factos acima expostos, são adversarios, por principio, de qualquer administração monopolista. Elles aspiram á socialização das terras, dos instrumentos de trabalho, das materias primas e de todas as riquezas sociaes, á reorganização de toda a vida economica sobre a base de um communismo livre, isto é desprovido do que se chama o «Estado», communismo que se define na divisa: «Cada um conforme suas faculdades, para cada um á medida do que necessita».

Partindo da convicção de que o socialismo, em ultima analyse, é uma questão cultural e, como tal, só póde ser solvida de baixo para cima pela actividade criadora do povo, repellem os syndicalistas qualquer meio que conduza a uma chamada secularização, a qual só pode levar á peor forma de exploração, ao capitalismo administrativo, nunca, porém, ao socialismo.

Os syndicalistas nutrem a convicção de que a organisação de uma ordem economica socialista não pode ser regulada por decisões governamentaes e decretos estaduaes, mas sim e unicamente pelo concurso coheso de todos os que trabalham, quer com a mente quer com os braços, em cada ramo especial de producção, assumindo os proprios productores a administração de cada estabelecimento, de maneira que os grupos, estabelecimentos e ramos de producção isolados se constituam em membros autonomos do organismo administrativo geral, aos quaes caberá, no interesse da generalidade, a organisação systematica da producção total e da permuta geral, sobre a base de combinações reciprocas e desaffrontadas.

Os syndicalistas são de opinião que os partidos politicos, seja qual fôr o circulo de idéas a que pertençam, nunca serão capazes de realizar a reconstrucção socialista e que esse trabalho só poderá ser feito pelas organizações combativas e administrativas dos operarios. Por essa razão elles, de maneira alguma, percebem no syndicato um producto passageiro da sociedade capitalista, mas a cellula geradora da organização administrativa socialista do futuro. Neste sentido os syndicalistas desde já se batem por uma forma de organização que os habilitará a attender á sua grande missão e, ao mesmo tempo, á luta pelas melhorias diarias das condições dos salarios e do trabalho.

Em cada lugar os operarios se alistarão no syndicato revolucionario de sua respectiva profissão, o qual não se acha dependendo de nenhuma organização central, administra seus proprios bens e dispõe de completa autonomia. Os syndicatos das diversas profissões se ligam em cada lugar, formando uma Bolsa de Trabalho que é o centro da actividade syndicalista local e da propaganda revolucionaria. Todas as Bolsas de Trabalho do paiz se congregarão na Federação Geral das Bôlsas de Trabalho afim de poderem empregar suas forças reunidas em emprezas de caracter geral.

Além disso, estará ainda cada syndicato ligado federativamente com todos os syndicatos da mesma profissão no respectivo paiz e estes, por sua vez, com os de profissões analogas, formando assim grandes ligas industriaes. Por essa forma a Federação das Bolsas de Trabalho e a Federação das Ligas Industriaes constituirão os dois polos, em volta dos quaes girará toda a vida syndicalista.

Assim no caso de se acharem os operarios, por occasião de uma revolução victoriosa, diante do problema da reconstrucção social, cada Bolsa de Trabalho se transformará em uma especie de repartição local de estatistica e tomará sob sua administração todos os prédios, viveres, roupas, etc. A Bolsa de Trabalho teria a tarefa de organizar o consumo e com a Federação Geral das Bolsas de Trabalho se teria facilidade em calcular o consumo geral do paiz e de organizal-o pela forma mais simples.

As Ligas Industriaes teriam, por sua vez, a missão de, por intermedio de seus órgãos locaes e com o auxilio dos Conselheiros Profissionaes, tomar sob sua administração todos os meios de producção existentes, as materias primas etc. e de proverem os grupos isolados de producção e as congregações do que lhes fosse necessario. Em uma palavra: a organização das congregações e das officinas pelos Conselheiros Profissionaes a organização da producção geral pelas Ligas Industriaes e Agricolas e a organização do consumo pelas Bolsas de Trabalhos.

Como inimigos de toda e qualquer organisação estadual, os syndicalistas repellem a chamada conquista do poder politico e vêem até na eliminação radical de todo o poder politico a primeira das condições preliminares para uma ordem social verdadeiramente socialista. A exploração do homem pelo homem se acha intimamente ligada com a dominação do homem pelo homem, de maneira que o desapparecimento de uma dessas condições fatalmente conduzirá ao desapparecimento da outra.

Os syndicalistas repellem, por principio, qualquer forma de operosidade parlamentar, qualquer collaboração nas corporações legislativas, partindo da convicção de que mesmo o mais livre systema eleitoral não poderá diminuir os contrastes profundos que existem no ámago da sociedade actual e de que todo o regimen parlamentar só tem por mira dar ao systema da mentira e da injustiça social a apparencia do direito legal, autorizar, assim, o escravo o oppôr á sua propria escravidão o sello da lei.

Os syndicalistas repellem todos os limites politicos e naturaes traçados arbitrariamente; elles enxergam no nacionalismo unicamente a religião do estado moderno e repellem, por principio, todos os esforços empregados para a obtenção de uma chamada unidade nacional, que só serve para esconder por trás de si o dominio das classes proprietarias. Elles reconhecem sómente differença de natureza regional e exigem para cada grupo popular o direito de regular suas questões e suas necessidades culturaes especiaes, de accôrdo com a maneira de ver e a predisposição que lhe são proprias e em entendimento solidario com todos os outros grupos e ligas populares.

Os syndicalistas se acham collocados no terreno da acção directa e auxiliam todas as aspirações e lutas do povo que se não achem em contradicção com seus objectivos, a suppressão dos monopolios administrativos e o dominio do Estado pela força. Sua missão é educar espiritualmente as massas e congregal-as nas organisações economicas de combate para o fim de conduzil-as, por meio da acção economica directa, que tem sua expressão mais elevada na greve geral social, para a luta que se ha de travar pela libertação da humanidade do jugo da servidão e do moderno Estado dividido em classes.

Porto Alegre, Abril, 1920.

Fr. Kniestedt.

CONGRESSO OPERARIO REGIONAL

A sua realização com a presença de representantes de 30 organizações operararias

Conforme fôra annunciado, iniciaram-se a 21 de Março passado, nesta capital, os trabalhos do Congresso Operario Regional, os quaes prolongaram-se durante cinco dias, perfazendo um total de 9 sessões.

Fizeram-se representar 30 associações, que num gesto de verdadeiro interesse pelos destinos do proletariado deste Estado, não mediram sacrificios para que o Congresso pudesse dar os resultados almejados.

Compareceram representantes das seguintes associações:

Mariano Belchior Filho, União Geral dos Trabalhadores, S. Maria; Adão Lucatelli, Sindicato de Officios Varios, Caxias; Cidalio P. Lemos, União Geral dos Trabalhadores, Rio Grande; Alberto Lauro, Federação Operaria de Pelotas, compreendendo 8 associações; Venancio Pastorino e Cecilio F. dos Santos, União Geral dos Trabalhadores, Bagé; Manoel José Andrade, Sociedade de Resistencia de Officios Varios, Sant'Anna do Livramento; Tacito Ferreira, Syndicato de Resistencia dos Alfaiates, desta capital; Henrique Damian, Syndicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Classes Annexas, desta capital; Pedro Mayer, Social Arb. Verêin, desta capital; Emilio Konnath, Syndicato dos Trabalhadores em Fio, desta capital; Emilio Pereira, Syndicato dos Pedreiros e Classes Annexas, desta capital; Carlos Toffolo, Syndicato Metallurgico, desta capital, Abelardo Corrêa, Syndicato Padeiral, desta capital; Salvador Vega e Francisco Dias, Sindicato dos Canteiros e Classes Annexas, desta capital; Antonio Soarez, Sindicato dos Pintores, desta capital; Orlando de Araujo e Silva, Syndicato dos Sapateiros, desta capital e Orlando Martins, Syndicato Graphico Comunista, desta capital; Luiz Derivi, representante d'«O Syndicalista», orgam da F. O. do Rio Grande do Sul.

Mandou tambem representação ao Congresso, por intermedio do camarada Luiz Derivi a União Operaria de Bagé.

A ABERTURA DA 1.a SESSÃO

Iniciados os trabalhos sob a presidencia de Luiz Derivi, secretariado por Cidalio Pinheiro e Manoel José de Andrade, procedeu-se ao reconhecimento dos congressistas. Findo esse trabalho os presentes á «una voce» entoaram o hymno «Filhos do Povo» sob o maior enthusiasmo. A seguir, o presidente convida o camarada D. Fagundes para fazer o discurso inicial, sendo esse convite acceito pelo congresso. D. Fagundes fez uso da palavra e em longa oração demonstra a situação actual do operariado universal, abordando varias questões de ordem social, para concluir demonstrando a necessidade inadiavel da organização operaria no Estado e na nação.

Termina apelando para o operariado riograndense no sentido

Operarios! Se tiverdes consciencia de classe, não deveis trabalhar no dia 1º de Maio!

deste procurar a arregimentação de suas forças emancipadoras, de entrar nos problemas sociaes que hoje agitam, desde os seus fundamentos, a mentalidade contemporanea, e aos congressistas, para que tirem o maior proveito dessa reunião, tendo em conta as tendencias geraes das classes que representam.

Terminada a oração do camarada D. Fagundes, que foi eloquente e enthusiastica e que foi coberta por uma salva de palmas, passou-se ao expediente que consta do seguinte:

TELEGRAMMAS

Bagé — «Congresso Operario Porto Alegre — Congratulo-me com os companheiros pelo inicio dos trabalhos do congresso, desejando fecundo proveito para o operariado deste Estado. — (a) *Tolentino Marques*».

Caxias — «Congresso Operario P. Alegre — Os operarios caxienses organizados em Syndicato de Officios Varios» offerecem as suas congratulações ao Congresso Operario Riograndense, hipothecando firme solidariedade ás deliberações tomadas nesse congresso. — (a) *Comissão Executiva*».

Vaccaria, — O congresso recebeu desta localidade um extenso telegramma no qual a associação operaria dali pedia excusas pelo facto de não poder se fazer representar ao congresso, confessando-se porém plenamente solidaria com as resoluções que fossem tomadas.

—

Prosseguindo os trabalhos, passou-se então á discussão das theses, as quaes foram abordadas e discutidas com o maximo interesse, attenção e enthusiasmo, notando-se que os congressistas esforçavam-se por chegarem ás mais acertadas conclusões, pois os debates foram, em certas occasiões, animadissimos.

Deixamos de publicar na integra não só os debates como tambem as moções que foram apprezentadas, pois, durante o Congresso foi publicado e distribuido um boletim diario, dando informações sobre a marcha dos trabalhos, boletins esses que foram distribuidos em profusão e tendo em conta que a F. O. mandará imprimir opportunamente um folheto contendo todas as resoluções desse congresso e que será enviado a todas as associações operarias do Brazil.

O thema que mais preoccupou os congressistas foi, o da organisação o qual occupou a attenção aos delegados durante tres sessões dando margem a demoradas discussões o que prova que o operariado deste Estado comprehende que da sua organização depende a sua sorte neste momento historico para os trabalhadores de todo o mundo.

AS PRIMEIRAS MOÇÕES APPROVADAS

«O C. O. Regional, em sua sessão inaugural, aprova esta mocção saudando o movimento libertario universal e mais nomeadamente os russos, italianos, portuguezes, allemães e argentinos, os actuaes vanguardeiros do movimento social. — Abilio de Nequete».

—

«Proposta. — Proponho que o congresso lance o seu voto de protesto contra a attitude assumida ultimamente pelo governo deste Estado, contra as reivindicações operarias, mandando prender, espaldeirar e matar operarios pelo simples facto de quererem usar de direitos que lhes são facultados pela propria constituição do Estado, como o de greve e o de externarem os seus pensamentos pela sua imprensa e nos comicios publicos. — Orlando Martins, delegado do «S. Graphico Communista».

—

«Considerando que a policia do E. de S. Paulo continúa com a sua repugnante reacção contra os operarios conscientes e os militantes da vanguarda social;

considerando que os actos violentos da policia paulista têm provocado os protestos de todos os homens de consciencia;

considerando que esses actos ferem directamente a dignidade do operariado:

O C. O. Riograndense, reunido em sessão plenaria e representando todas as classes operarias do Estado, protesta contra o regimen de provocações, posto em pratica pela policia de S. Paulo, cujo menospreso á dignidade dos trabalhadores não trepidou em prender, maltratar e deportar clandestinamente o jornalista libertario D. Fagundes.

O congresso reunido levanta o seu energico protesto contra o acto prepotente da burguezia e hipotheca a sua solidariedade ao camarada D. Fagundes. — Tacito Ferreira, delegado dos Alfaitaes».

—

«O Congresso Operario Regional lança um voto de solidariedade aos companheiros em gréve no Rio de Janeiro e S. Paulo. — Tacito Ferreira, delegado do S. R. A. — Sala das sessões, 24 3 - 920».

TELEGRAMMAS

A mesa do congresso expediu telegrammas para a «Voz do Povo» e Federação Operaria, da Capital da Republica, participando a installação da sua primeira sessão.

Telegrammas de igual teor foram expedidos para a F. O. e a «Plebe», do Estado de S. Paulo.

Tambem resolveu-se telegraphar ás associações operarias do Uruguay e da Argentina, communicando a sua installação.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

No dia 25 de Março, iniciou-se, ás 20 horas, a sessão que encerrou os trabalhos do congreso.

O presidente abre a sessão, ouvindo-se por essa occasião, o hymno «Filhos do Povo», cantado por todos os congressistas.

Foram tiradas, nessa occasião, duas photographies das salas onde se realisou o congresso.

Iniciados os trabalhos, o representante da F. O. de Pelotas, camarada Alberto Lauro, faz uma larga e circumstanciada narrativa das lutas reivindicadoras que se lêm desenrolado nas republicas visinhas, procurando demonstrar quanto os trabalhadores dessas regiões são unidos e quaes os resultados que obtiveram dessas lutas; amparados unicamente pela sua incontestavel solidariedade e consciencia de classe.

— Segue com a palavra o camarada Orlando de Araujo e Silva, que em inspirada e enthusiastica oração saúda o operariado riograndense nas pessôas dos congressistas presentes, sendo ao terminar muito applaudido.

O presidente da mesa toma a palavra e agradece aos congressistas a sua presença, pedindo desculpas aos congressistas de faltas involuntarias que por acaso houvessem commettido as mesas que dirigiram os trabalhos e dá por encerrado o congresso.

A lei de accidentes no trabalho

Não pensem os leitores, que, nós, confiamos em leis que beneficiem os operarios!

Não confiamos e temos carradas de razão para tal. Os factos cada vez se mostram mais concretos a este respeito.

Como sabem os leitores, morreu de um desastre numa das fabricas desta capital uma mocinha que trabalhava em uma machina e cuja mocinha foi posta a trabalhar nessa machina que lhe era completamente desconhecida, pois entrára para a referida fabrica apenas um dia antes do desastre!

Pois o accidente de que foi victima tirou-lhe a vida e o patrão enviou á familia da pobre mocinha a quantia de 50$000 quando, de direito, si a lei fosse cumprida, o patrão teria de dar á familia a quantia de 1:800$000.

Algumas pessoas interessaram-se pelo caso, mas as difficuldades têm sido tantas que, cremos, terão de desistir de fazer o tal patrão cumprir a celebre lei.

Não já o sabiamos, as leis só são cumpridas quando não beneficiam operarios.

AVISO

Avisamos aos nossos leitores que, por um descuido na paginação, saiu errado o numero e a data do «Syndicalista». O numero actual não é 12, mas sim 13, e a data deve ser: 20 e não 15 de Abril.

Greves, Salarios, Carestia

O dr. Leonardo Truda, redactor do «Correio do Povo», em artigos successivos, abordou a questão operaria enunciada nos tres termos que nos servem e lhe serviram de epigraphe.

Ao jornalista indigena não queremos fazer a injustiça de o julgarmos abordando tal assumpto apenas movido pelo dever de officio que lhe fosse ditado por algum aviso do encarregado da venda avulsa, alarmado com a diminuição dos nickeis.

Muito pelo contrario julgamo-lo inspirado por um movimento sincero de justiça, por uma preoccupação de ser util á collectividade, por um desejo fremente de achar solução para tão complexo problema e que tão fundamente vem convulsionando as multidões em todos os paizes.

Impressionado pelas noticias que diariamente nos transmittem os telegrammas de todos os recantos do mundo e pelos ultimos acontecimentos do Rio de Janeiro, para a conjuração dos quaes o invalido do Cattete confessou a falencia do regimen democratico para praticar todas as arbitrariedades imaginaveis, o redactor do «Correio» esforçou-se por achar o X da questão e, de accordo com a sua concepção economico-social, julgou encontrar o caminho para a tão desejada paz social.

Depois de estudar perfunctoriamente as greves, os salarios e a carestia, o dr. Truda descobre o circulo vicioso de que a greve produz o augmento de salarios, este augmento augmenta o preço de venda e como o trabalhador é productor e consumidor ao mesmo tempo segue-se que não ha solução de continuidade e o augmento de um produz a aggravação do outro e vice-versa. Como achar o equilibrio? Os trabalhadores conformarem-se com a sua miseria e deixarem os exploradores locupletarem-se? O dr. Truda, em becco sem saída, quasi que opta por essa solução... Mas não! O povo perdeu a fé christã e já se não resigna a passar mal neste mundo para gozar no *outro*!...

E' aqui que o experimentado jornalista corta o *nó gordio*: «parece que o governo, em parte, poderia solucionar o problema, pondo um limite á ganancia exploradora dos intermediarios».

De que maneira outra poderá o governo intervir na questão, si, premido pelas circunstancias occasionaes, creou o espectaculoso Commissariado de Alimentação que, apezar de nada fazer pelo povo, foi obrigado á extinguir devido a grita dos interessados na exploração da carestia?

Uma unica vez que o malfadado commissariado quiz fazer algo pelo povo, prohibindo a exportação das carnes congeladas, foi quando cavou a sua quéda fragorosa, transformando-se na actual Superintendencia dos Abastecimentos, cujo acto primeiro foi a annullação daquella medida, para gaudio dos exploradores da miseria do povo!

Apellar para o governo é completar o élo que faltava para o circulo vicioso e nunca mais se saír do encadeiamento.

O governo é emanação das classes capitalistas e só por um desvio momentaneo de sua missão póde favorecer as classes trabalhadoras.

Quaesquer medidas que o governo tome com apparencias de beneficio ao proletariado terá o mesmo valor da estafada affirmativa de que as greves são inspiradas pelos extrangeiros no movimento operario; terão o valor de atirar poeira nos olhos dos papalvos e justificar todas as violencias das classes governantes.

Si os governos podem solucionar o problema proletario ¿porque os estadistas europeus não o solucionaram? Estarão esperando que os parlamentares brasileiros criem a legislação operaria para plagial-a?...

A Italia, á frente de cujo governo têm estado os mais esperimentados estadistas, desde Machiavello a Masini, desde Giuliti a Nitti, acha-se ás portas da revolução social e porque ¿não encontra solução para o problema da conservação do *statu quo* social?

Lloyd George, o estadista de largo descortino, economista consumado, ¿conseguiu resolver o problema que conserva latente na Inglaterra os prodromos da revolução social dos trabalhistas?

O jornalista patricio não ignora tudo isso; e si appella para o governo faz como o naufrago que, no auge do desespero, pensa salvar-se arrimando-se ás espumas do seu proprio debater...

Para solucionar a crise dos alugueis lembra á municipalidade a construcção de casas baratas para as classes trabalhadoras.

Será crivel que os nossos governantes nunca tivessem pensado em tão simples e racional meio de proporcionar alugueis baratos á população? Não acreditamos que o dr. Truda os julgue tão obtusos. Porque, então, não realizam tão util empreendimento?

A resposta a essa interrogação é que desejariamos vêr esplanada pelo discortino do distincto jornalista porto-alegrense.

Não o fará, estamos certos, porque se o fizer e não recorrer a sophismas terá que confessar que a solução do problema esbarra formidavelmente nos principios economicos que nos regem. A agravação contínua da situação apremiante do proletariado é um corolario do desenvolvimento do capitalismo; é uma consequencia logica da propriedade privada, da liberdade de commercio e da agiotagem dahi derivante e sem o que não poderá subsistir a actual sociedade.

Continuando a sua digressão, o abalisado jornalista resolve o problema da alimentação com a creação de cooperativas entre o operariado.

Ora o cooperativismo não é creação nem do dr. Stefano Paternó nem do dr. Leonardo Truda. E' uma tentativa conhecidissima e relegada nos paizes europeus. E porque o dr. Truda, adversario impenitente da Revolução Russa, só foi encontrar um exemplo a citar nas cooperativas da Russia dos Soviets? Simplesmente por isto: nos paizes burguezes as cooperativas, como qualquer outra tentativa de melhoramento operario, fracassam de encontro aos previlegios dos que dispõem de tudo, inclusive da lei, da força e do governo; ao passo que na Russia, a revolução destruindo o regimen burguez, desmantelando o seu orgam de compressão aos trabalhadores, foi possivel florescer o cooperativismo. O novo regimen fez desapparecer o parasitismo burocrata e a exploração commercial, tornando-se o «soviet» não um orgam garantidor de previlegios de classe e sim um elemento de coordenação dos esforços de todos em beneficio de todos.

Aconselhar o cooperativismo, dentro da sociedade actual, é uma incoherencia com os conhecimentos de economia social que tem revelado o distincto jornalista. E explicamos porque.

Para resolver o problema era necessario que o cooperativismo se generalizasse. Si todos os operarios se agrupam em cooperativas eliminam os intermediarios e compram mais barato em relação salario. O salario augmenta ou diminue de acordo com a lei de offerta e procura. Só quando ha falta de braços é que o operario pode forçar o patrão a pagar mais. O cooperativismo generalisado, eliminando os intermediarios, tira o trabalho de uma numerosa classe: pequenos commerciantes, varejistas, caixeiros, vendedores, entregadores, guarda-livros, ajudantes, carroceiros, carregadores, dactilographos, etc., etc. Toda essa gente teria de procurar trabalho e viria engrossar o exercito de trabalhadores, dando margem á desoccupação. O patrão, aproveitando-se da offerta de braços superior á procura, baixaria o salario e este já não daria para comprar na cooperativa sinão nas mesmas condições em que agora se compra nos intermediarios. Desafiamos que nos provem o contrario. E não falamos em mil outros meios que a sociedade actual terá para annullar qualquer tentativa que possa prejudicar os previlegios burguezes.

Além disso sabe-se que o commercio é o arrecadador de impostos para manter o governo. Ora, se o commercio se restringir com a generalização do cooperativismo ¿onde diabo irá o governo buscar dinheiro para pagar o seu exercito de parasitas que são a garantia da sociedade actual?

Vê-se, pois, claramente o desconchavo de suppor que o cooperativismo possa resolver, no regimen actual, a afflictiva situação das classes exploradas.

E quanto ao negocio de «ajuda-te que Deus te ajudará», nós, na nossa meia lingua de operario, dizemos: «a emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores.»

* * *

E' inutil querer solucionar o problema operario deixando de pé quaesquer privilegios que engendrem exploração e, consequentemente, miseria. E' chover no molhado...

Quem quer que se preoccupe com os problemas sociaes multiplos que se desenrolam a nossa vista; quem quer que procure aprofundar o exame miticuloso da questão social e da sua solução e que nessa preoccupação e nesse exame se revista de destemerosa sinceridade, chega a conclusão a que já chegaram os anarchistas: o regimen burguez envelheceu, caducou; completou o seu ciclo. Dentro de seu ambito não encontrará o mais experimentado e sincero dos estadistas solução para os problemas que convulsionam os povos contemporaneos.

Esta verdade zomba de todos os sophismas e ri de toda a dialectica dos jornalistas, sinceros ou não, empenhados em achar um equilibrio impossivel entre uma sociedade moribunda que se desagrega e os ideaes novos, cuja alvorada ridente annuncia uma nova éra de progresso e liberdade para os povos, repondo-os no caminho da evolução para o aperfeiçoamento da especie e para o melhoramento constante da vida social.

Porto Alegre, 9-4-920.

MARIO D'ALBOR

O Syndicalista

Orgão da «Federação Operaria do Rio Grande do Sul

Redacção e expedição: Rua Commendador Azevedo, n. 30 Porto Alegre.

O Syndicalista, que está a cargo de uma commissão, lança o seu appello a todos os camaradas conscientes para que o ajudem na medida das suas forças, pois é sabido o quanto é necessario manter-se um jornal franca e desassombradamente defensor das classes trabalhadoras.

Quanto á redacção está encarregado o camarada Orlando Martins, a quem deve ser enviada toda collaboração, e da remessa está encarregado o camarada Luiz Derivi.

Qualquer dinheiro (de assignatura, subscripções, etc. pró-«Syndicalista») remette se á rua Comm. Azevedo, 30.

Todos os camaradas que quizerem pacotes devem dirigir-se ao camarada Luiz Derivi.

Documentos sociaes

Iniciamos, hoje, esta secção, na qual serão publicados os documentos que façam luz não só do movimento social na Russia, como tambem de toda a Europa.

O Soviet Russo e o Imperialismo Alliado

MENTIRAS E HYPOCRISIAS

Um dos correspondentes da «United Press», em Budapesth, Edward Bing, obteve de Trotski uma entrevista radiographada, que o «Daily News» de 5 de julho ultimo pubicon e de que «l'Humanité» extractou os seguintes topicos principaes

Interrogado sobre a atitude da Russia bolchevista perante os governos alliados, Trotski respondeu:

— Em média pode dizer-se que o cidadão russo não crê absolutamente que a Russia dos Soviets esteja em guerra com Koltchak, Denikine e as burguesias da Finlandoa e da Polonia. Estes grupos são pouco menos que insignificantes e desappareceriam em poucos dias mesmo sem os nossos ataques, si não fossem sustentados pelo extrangeiro. A Russia faz uma guerra defensiva contra os imperialismos de Inglaterra, de França e dos Estados Unidos. Estes tres paizes copiam literalmente os methodos dos Hohenzollerns e se occultam por traz de «governos» anti-bolchevistas inteiramente ficticios. Elles são os primeiros a violar a pseudo autodeterminação das pequenas nacionalidades.

A' pergunta sobre as disposições de paz dos Soviets, disse Trotski:

— Podem obter-se a este respeito informações do sr. William Bullitt, representante do secretario de Estado Lansing, e do sr. Lincoln Steffens, que vieram á Russia com uma missão de paz O sr. Bullitt é mais que competente neste assumpto, pois que participou das negociações directas de que fui informado na qualidade de membro do governo dos Soviets. «A imprensa russa publica o tesxo dum tratado de paz que os representantes dos Soviets e os dos srs. Wilson e Lansing aprovaram». Todavia o sr. Wilson foi posto á margem neste caso como tem sido em tantos outros problemas. Clemenceau passou-lhe a perna, esforçando-se por sustentar a desordem na Russia e aterrorizar a opinião publica franceza com esse espectro. A Inglaterra e os Estados Unidos cederam a Clemenceau e a Italia está já fóra do jogo. Nós declaramos abertamente, por via diplomatica, que estamos dispostos á paz embora a preço de grandes concessões, e esperamos mesmo convencer Clemenceau e seus cumplices de que o unico exercito europeu cuja força augmenta dia a dia é o exercito vermelho dos camponezes e operarios.

Mais tarde, continúa «l'Humanité», um radiogramma passado de Moscou para Budapesth, expunha a historia dessas negociações.

A proposição de paz, cujos termos foram redigidos por Wilson, coronel House e Lloyd George, foi levada á Russia pelo sr. Bullitt, o capitão Petit e o jornalista Steffens.

O governo sovietista fez algumas modificações, que foram acceitas por Bullitt. Os alliados ficaram de enviar o convite official a todos os governos russos «no dia 10 de abril». Mas... parece que não pensaram mais nisso, e, afim de occultar aos seus povos as razões da continuação da guerra e na esperança de arruinar finalmente a Russia, «o convite não foi nunca mais enviado».

O referido radiogramma, transmittidas na integra as clausulas assentadas nas negociações, terminava com estas palavras textuaes:

«A publicação destas proposições prova, uma vez mais, a hypocrisia dos governos alliados e desvenda a sua mentira, que consistia em fazer crer que os Sovets se haviam recusado a cessar as hostilidades. Mas a duplicidade dos governos alliados dá apenas um resultado: cerrar mais estreitamente as nossas fileiras para o combate irreductivel á alliança dos pequenos e grandes imperialistas que pretendem escravisar os operarios e camponezes da Russia».

Bello gesto de solidariedade...

O nosso camarada Francisco Guttmann prestou, durante a realisação do Congresso Operario Regional, serviços necessarios ao mesmo Congresso, e, devido a isso não foi possivel a elle attender a seu ultimo emprego, nas officinas graphicas da «Livraria do Globo».

Pois bem. O seu lugar, na alludida casa, foi occupado pelo ex-administrador das officinas graphicas da Casa Selbach e secretario do «Allg. Arbeiter Verein», Otto Albrecht.

Sem commentarios!

Schoenes Zeichen der Solidaritaet!

Als der letzte Riograndenser Arbeiterkongress tagte, brauchte die «Federação Operaria» zum Setzen ihres Kongress-Bulletins unsern Kameraden Franz Guttmann, welcher sich sofort dafür bereitwillig erklärte.

Als nach ein par Tagen Franz Guttmann in der «Livraria do Globo», seiner letzten Stellung, erschien, fand er seinen Platz schon besetzt und zwar — oh staunt! — vom Schriftführer des anti-sozialen «Allg. Arb.-Vereins», Otto Albrecht, ex-Administrator der Typographie der Livraria Selbach.

Kommentar überflüssig!

Objectos não devolvidos

Como sabem todos trabalhadores, no ultimo movimento grevista que se deu nesta capital, o governo, a pretexto de que nós estavamos fazendo um movimento maximalista, assaltou e fechou não só a séde do «Syndicato Força e Luz», mas tambem» a séde da «Federação Operaria».

Pois nesses assaltos e occupação de sédes verificamos, depois, que fomos roubados em diversos objectos e que outros foram damnificados.

As photographias que foram publicadas n'«O Syndicalista» demonstraram em que Republica ficou a séde da «Federação Operaria».

Mas tudo isto ainda não foi nada.

Os zelosos mantenedores da ordem levaram daqui varios papeis que para nós têm uma certa importancia e que por isso deliberamos enviar um requerimento á Chefatura de Policia, pedindo que nos fossem restituidos.

Esperamos... Esperamos e nada!

Pudéra! Lá é a chefatura de policia, com certeza está cheia de vigaristas!

Os martyres de Chicago eram trabalhadores que se sacrificaram pela nossa causa!

Definindo principios

O camarada Alberto Lauro, delegado ao Congresso Operario Regional pela cidade de Pelotas, solicita-nos a traducção do artigo a seguir que appareceu na «Rebelión», de Cadiz (Hespanha).

E accrescenta ser o seu intuito para concorrer dissipar a confuzão lamentavel que de muitos syndicalistas e anarchistas se tem apossado diante da revolução russa e que os faz esquecerem-se do communismo libertario, tão bem definido e defendido por M. Bakounine, na gloriosa Internacional dos Trabalhadores.

O Syndicalismo não é marxista

A dictadura do proletariado, clausula capital do marxismo, não é a finalidade do Syndicalismo.

O alvorecer da aurora nas rudes estepes do oriente da Europa com o triumpho da revolução do povo moscovita, trouxe á actualidade novos e importantes problemas que os militantes do Syndicalismo não podem deixar passar em silencio. O termo da moda *bolchevismo*, e cujo conceito neo-communista não passa de ser uma simples modalidade do socialismo marxista, empolgou quiçá com excesso de zelo a actividade de não poucos amigos, e é preciso que constatemos bem a indole e alcance da revolução que prepara nossos enthusiasmos, para que os susceptiveis de equivocos não incorram em erros.

E' indubitavel que entre o despotismo dos favorecedores de Rasputine e o regimen dos *soviets*, implantado pelo maximalismo actualmente na Russia, existe uma dualidade que arrebata todas nossas sympathias de um modo absoluto em favor do ultimo. Não é isso, porém, obice para que, dada a natureza inequivoca das tacticas e essencias da doutrina apostolada por nós, que tende a se universalizar, a se ampliar, a envolver a Vida em todos os seus aspectos no sentido anarchista, não nos conformemos e menos façamos bandeira em nossa propaganda da Dontologia economica estabelecida na Russia pelo *central* communista dos *soviets*.

Cremos e assim o affirmamos que a revolução a vir em nosso paiz, não póde dirigir seus passos e menos reduzir sua missão aos eitos dos partidarios de Lenine. A dictadura do proletariado, clausula capital da carta doutrinal do marximo, não é, nem muito menos a exprime, a finalidade do Syndicalismo. Com ella o Estado, a autoridade, o poder, não perde sinão na forma a existencia intrinseca de sua prepotencia. O dominio de casta ou classe, ainda que seja uma transição accidental, transmitte sua hegemonia ao proselitismo triumphante dos vencedores que, ainda que com o titulo de «dictadores» administrativos e tutelares, mais tarde, como succede em todas as commoções em que a estructura basica das instituições da etnologia social e politica em essencia fica de pé, transformou-se no maior obstaculo para o futuro e proseguimento da propria revolução iniciada.

A Revolução franceza confirma a nossa these. O succedido com as «secções de Paris» com os flammantes redemptores que personificaram e assumiram em nome da revolução o poder e governo do povo, corroborou aquellas sentenciosas palavras que já Godwin estampara em suas glosas de precursão anarchista em 1792. E' mais: o espirito de continuidade da revolução, começada com o levante de Paris que ergueu a guilhotina para os occupantes do throno, viu-se sanhudamente soffreado e truncado pelos novos «bemfeitores do povo», suffocando o movimento communista em que pereceram Babeuf e Darté.

E' por tudo isso que deixamos accentuado que nos não podemos ater, nem muito menos cifrar o alcance e desenvolvimento das transformações a realizar, na iniciativa e vontade de nenhum poder organizado, ainda que este se constitua sob as tintas dos adjectivos: «administrativo», «technico», «estatistico» e até «consultivo».

Não podemos respeitar o Estado em nenhuma das formas — por mais radicaes que sejam suas normas e pautadas as suas attribuições — que o determinismo dos acontecimentos, a evolução fatal e o proprio instincto de conservação o impila a adoptar. Não podemos deter-nos em reformas; precisamos destruições e construcções. Não queremos desmembrar o centralismo archaico e absorvente do Estado em uma disseminação parcellaria de pequenos poderes confluentes e um poder central. Aspiramos a estabelecer a communidade dos meios de producção, a identidade de possibilidades para a producção e o consumo: a igualdade economica em synthese, para desvincular a soberania individual da tutela oppressora de todo o poder. Nosso federalismo é circumstancial; começa com a liberdade absoluta do individuo na posse de todos os seus direitos para estabelecer a indole, condição e duração do pacto realizado como manifestação juridica do contracto social, e termina com a consecussão anhelada ou porque a finalidade apetecida não se mallogre por negligencia, deficiencia ou outra causa posta em jogo por algum dos factores contractantes, em cujo caso a rescisão é logica e não se faz esperar. Assim conceituamos o nexo de relação para a convivencia social post-revolucionaria. Não podemos nem a titulo de transição accidental supportar a autoridade de nenhum poder e muito menos exercel-a. Ha de ser, desde o primeiro momento, o livre exercicio da vontade e iniciativa dos individuos afins, laborando pela superação e evolução da Humanidade subjectiva, o que plasmará as normas objectivas das agrupações formadas por essa afinidade psychologica, de temperamentos, de concepções e de ideias.

Demais não é este o momento de detalhar nosso plano e concepções para reorganizar a vida no sentido anarchista desde o primeiro instante que triumphe a revolução. Insistimos, porém: de nenhuma maneira o Syndicalismo, — que ha de abrir as portas da Anarchia, si cumprir sua missão historica, — pode fazer uso do Estado á maneira do «marxismo» para realizar com «ukases» mais ou menos jacobinos, mais ou menos autoritarios, a desejada transformação. O decoro que consequentemente radicou em nosso campo aversão ao «marxismo», não pode arrojar-se ao chão, na alvorada do dia, quando, já maduros os fructos, aprestamo nos para a colheita. O ideal está mais alto que todos os opportunismos, não pode descender e involucionar.

E a dictadura do proletariado, executada por uma representação de seus homens, instituindo um novo poder; fazendo uso da tyrannia, ainda que provisoria, a outra cousa não equivaleria.

Arnaldo Danel.

As evidentinas

Outrora, o «nacionalismo» teve sua grande razão de ser. Pois, a lei da guerra permittia ao vencedor, escravisar definitivamente ao vencido que, se tornava como um objecto qualquer, podendo ser vendido, judiado e até morto, segundo os caprichos de seu dono — o vencedor.

Mais tarde, com a extinção daquelle typo de escravatura e subsequente installação da escravidão moderna — salariato — o nacionalismo, tomou um golpe formidavel mesmo mortal. As leis de guerra actualmente, não dão, berre-se como intender, direito algum ao vencedor de dispôr á vontade do vencido. O que se permitte, quer por guerras quer sem ellas, é a escravidão de classes sem restricções a nacionalidades nem de sexos. Esta escravidão — não admitte, em sua marcha avassaladora, barreira de nenhuma especie.

O Estado capitalista é um dos grandes passos em que a humanidade deu na sendo internacionalismo, a despeito, hoje, dos progressos capitalistas. Os homens, vão tendo de pouco e pouco a noção dessa verdade. Exemplo: O operario em seu paiz nanal é explorado pelos capitalistas nacionaes ou extrangeires, residentes alli ou acolá. Elle muda de terra, mas não muda de forma de vida, pois outros capitalistas ou os mesmos o esperam por lá. E' annexado o seu paiz a outro paiz qualquer, o operario muda só a bandeira, os exploradores são os mesmos. O seu paiz anexa outros territorios, a exploração é a mesma. Tudo indica, portanto, a morte do nacionalismo e o triumpho do internacionalismo. Isso, sem fallar dos grandes progresso da sciencia que é internacional por excellecia.

— O nacionalismo, quer com razão quer sem ella, elle existe e deve existir. Dizem os que vivem de sua exploração, á quem respandemos: o nacionalismo existe, apenas, por uns restos lamentaveis, porém fragilissimos, de attavismo que, não poderá resistir os continuos e formidaveis golpes da razão.

O capitalismo, para seu desenvolvimento e auxiliado pela sciencia transpoz todas as fronteiras nacionaes em todos os sentidos, abrindo, assim, sem querer, o caminho ao internacionalismo. A «Internacianal Proletaria», auxiliada pela mesma sciencia, derrubará sem piedade, as fronteiras de classe instaurando assim o regimen do direiro humano com a base sequinte: Igualdade economica, igualdade politica e igualdade sobial.

* * *

E' do dominio publico o apparecimento, proximo a Santa Casa, duma creança recem-nascida, acompanhada dum bilhete em que se recommenda as irmãs de caridade guardarem o collar que a creança levava ao pescoço afim de ser reconhecida mais tarde... etc. «Deprehende-se do exposto, que, no caso, se trata de uma familia abastada; porque, se assim não fosse, nenhuma familia misera, podendo se desposar do filho, deseja reconhecer mais um ente desprotegido da fortuna.

E', portanto, inconfundivel que os paes são «ricos»... (pouco importa o saber-se a origem de sua fortuna) e bem educados, o seu nome deve pairar sem mancha na alta sociedade, Affeitas afferradamente a mente aos preconcetos atavicos, embora, terrivelmente vencidos pela verdade, querem passar por dois pombinhos recem fazendo seu ninho...

— Mas todo esse crime para que? perguntará, certamente, todo o homem que ame a logica.

— E', nada mais nada menos que o effeito dessa sociedade em decomposição que não admtte que um casal se ame sem a comica sanção dos juizes e dos padres, embóra esses nunda venham participar nos gosos ou dissabores dos entes por elles amarrados para todo o sempre. O amor, porem, antecipa quase sempre; pois, sentindo-se forte, põe em frangalhos todos os obstaculos, que a refinada velhacaria criou. A «sociedade preconceitos», sentindo-se vencida pelo mais forte, corre presurosa, prende e anatemathisa o recem-nascido que fraco, mudo, surdo e indiferente ás comicas dos legisladores e eclesiasticos, cahe na armadilha sujeito a todas as peripecias do convencionalismo...

Queremos perguntar á essa familia abastada, ou por outra, á essa mãe que o amor, transpondo todos os obstaculos convencionaes acabá de se subjugar, porque sua propria natureza assim o determina, quem são, afinal, os que têm razão: são aquelles que envolvem a sociedade com todos os obstaculos anti-naturaes, querendo assim obstruir o curso inobstruivel ou nós que queremos o amor livre em que nunca uma mãe possa ter necessidade de matar nem de engeitar um filhs, producto dos seus mais altos sentimentos? Que nos respondam as mães— dispidas de preconceitos — qualquer, porem, que seajm a classe a que pertencem.

Estas e outras coisas similhantes, nos levam a preconizar, o proxime fim dessa carcomida sociedade...

Maximo Evidente

Camaradas! Divulgae o vosso orgam — O Syndicalista.

Movimento associativo

De accôrdo com uma das resoluções do C. O. Regional, realizado nesta capital, a F. Operaria, que até agora funccionava accumulando as funcções de F. Local e F. Estadoal, passará a constituir-se como de direito, em entidades separadas, pois, a F. O. do R. G. do Sul, será constituidá de representantes de todas as organisações operarias de fóra da capital, tendo em seu seio representantes da F. Local e esta por sua vez será constituida dos delegados das organisações locaes.

— Na ultima sessão plenaria, a F. Operaria deliberou commemorar a data de 1.º de Maio com um comicio interno, isto é, em seu recinto, ás 9 horas, a. m., dahi sahirão para uma chacara fóra da cidade; caso o tempo não permita esta passeata, haverá ás 3 p. m., ainda na F. O., outra reunião.

SYNDICATO METALLURGICO

Este syndicato não tendo podido se reunir na semana passada, devido ao mau tempo, reunir-se-á brevemente para tratar de diversos e importantes assumptos.

SYNDICATO PADEIRAL

Este gremio, realisou, domingo 11 do corrente um pic-nic em beneficio da defesa do padeiro Leopoldo Silva.

Como sempre os padeiros mostram-se unidos e cohesos na defeza dos seus direitos pois sustentaram movimentos este mez que foi mais uma victoria para este syndicato e tambem para os camaradas, que se portaram como trabalhadores conscientes.

SYNDICATO DOS CANTEIROS e Classes Annexas

Este gremio elegeu a sua nova directoria, que ficou assim constituida: secretario, Leonardo Vega; thesoureiro José Fejas; delegado junto á F. O., Casemiro Bosguiz.

Este syndicato, enviou delegado ao 3.º C. O. Brazileiro a realizar-se no Rio, cujo representante é o companhäiro Areses.

S. DOS SAPATEIROS

Esta associação, elegeu sua commissão executiva provisoria e se reunirá brevemente para tratar de assumptos importantes para a classe.

S. DOS T. EM FIO

Este syndicato, reunido á rua V. da Patria, n. 676, resolveu a2sumptos de interesse geral.

S. DOS PINTORES

O S. dos Pintores continúa reunindo-se como de costume na F. Operaria, a rua Commendador Azevedo n. 30.

Os pintores que quizerem associar-se deverão ir á sede deste syndicato aonde encontrarão o companheiro Suarez, que disto se encarregou.

S. DE R. DOS ALFAIATES

Este syndicato, continúa a reunir-se nos dias e hoas de costume e prepara-se para reaffirmar o gesto que teve no dia 1.º de Maio do anno passado.

S. GRAPHICO COMMUNISTA

Este syndicato reuniu-se, terça-feira ultima, afim de resolver sobre a realização de um espectaculo de beneficio afim de ampliar as suas officinas para poder tomar conta da feitura do «O Syndicalista».

O syndicato nomeou uma commissão, afim de tratar do assumpto.

U. DOS F. RIOGRANDENSES

A União dos Foguistas Riograndenses realisará sessão, afim de tratar de assumptos de urgente necessidade para a classe.

— Sabe-se que, no porto do R. Grande, os foguistas dos rebocadores declararam-se em parede, como protesto por haver sido preso o seu delegado naquelle porto.

S. DOS MARMORISTAS

Este syndicato continúa a reunir-se em sua séde social, como de costume.

S. DOS M., CARPINTEIROS E Classes Annexas

Este syndicato distribuiu um boletim-manifesto, convidando o gremio para uma assembléa extraordinaria.

Continua o «boycott» aos inimigos da classe: Caetano Fulginitti, Jamardo e Dariano Irmãos.

As sessões ordinarias continuam a se realizar na F. O. todas as primeiras e terceiras quartas-feiras de cada mez.

S. DOS PEDREIROS C. E CLASSES ANNEXAS

Os pedreiros reunir-se-ão brevemente, para tratar da eleição do seu novo comité executivo a qual se realizará na séde da F. O. á rua Cdor. Azevedo n. 30.

Os pedreiros devem esperar aviso neste sentido.

S. SOCIALISTA ALLEMÃ

Noutro lugar publicamos em allemão uma noticia com referencia a esta novel associação, para que os operarios allemães ficarem ao corrente de seu movimento.

FEDERAÇÃO OPERARIA LOCAL (Pelotas)

Esta federação local, que representa 8 gremios, está fazendo, por intermedio dos bons elementos que possue, uma bella e util propaganda entre as classes operarias daquella cidade.

Esperamos encetar uma correspondencia activa com essa Federação o que muito concorrerá para beneficiar a propaganda.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES (Rio Grande)

A União Geral dos Trabalhadores, do Rio Grande, conforme fomos informados pelo seu digno enviado ao Congresso Operario Regional, continúa a constituir-se em forte entidade para a defeza dos interesses do proletariado daquella cidade.

Apresentamos os nossos parabens á U. G. T., pelos resultados obtidos com sua sã propaganda.

— Declararam se em gréve as operarias da fabrica Italo-Brazileira, devido aos máus tratos e pedindo tambem o augmento de 50 % sobre os salarios.

SYNDICATO DE OFFICIOS VARIOS (Caxias)

Esta novel organização operaria de Caxias, que, apezar de nova, promette muito, se fez representar no Congresso.

Recebemos communicação de que o camarada Alberto Lauro, que alli foi realizar duas conferencias as quaes foram bem animadas e concorridas.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES (Santa Maria)

O camarada Miguel Gusmão, que actualmente se acha em S. Maria nos communicou que os trabalhadores da estrada de ferro conseguiram o pagamento das horas de trabalho extraordinario á razão de 50 % a mais.

A' U. G. T., de S Maria os nossos parabens por esta victoria que é pequena mas prepara caminho para grandes conquistas.

SYNDICATO DE RESISTENCIA DE OFFICIOS VARIOS (Sant'Anna do Livramento)

Com a realização do Congresso Operario Regional quem finalmente vamos nos pôr em contacto com mais uma potente organização de classe na cidade de Sant'Anna.

O delegado que veio representar essa associação de classe sahiu daqui bem disposto a animar os operarios de lá a que prossigam na sua obra de organisação operaria.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES (Bagé)

Esta bem orientada associação tambem continúa a fazer intensa propaganda de organização operaria naquella cidade.

Estão trabalhando nesta organização dedicados camaradas.

Lemos na «Voz do Povo», do Rio, os nomes dos trabalhadores a serem deportados, entre os quaes figura o nome do rio grandense Anastacio Gago Filho, mais conhecido pelo pseudonymo de Segismundo Pintoriano.

Este valente camarada militou aqui no Estado. Perseguido, buscou a liberdade em outras paragens, onde installou, tambem, sua tenda de propaganda.

Esteve em S. Paulo e, actualmente, encontrava-se no Rio.

A canalha parasitaria, invariavelmente composta de invertidos, caftens, afeminados, bundinhas, almofadinhas e outros de sexo duvidoso; toda essa canalha dourada não póde ver, serenamente, estes homens, machos, que não medem sacrificios, que não tremem ao enfrentar o perigo, scientes de que a «emancipação dos trabalhadores terá que ser obra dos proprios trabalhadores»; manejam a dynamite cerebral, propagando a idéa redemptora da grei, que, algemada, tenta partir os grilhões seculares, cantando a «Internacional»; empunhando as armas e cantando, tambem, o hymno «Filhos do Povo».

Daqui o nosso protesto contra esta canalha, que é o sustentaculo desta sociedade envelhecida, tendo suas raizes lá no passado escuro e tenebroso da historia.

Solidarios com os camaradas victimas da prepotencia burgueza, gritamos: — «¡Viva a Revolução Social!» — «¡Viva a Anarchia!»

Sim, porque sabemos que é o ideal que tem por fim pôr em pratica o «Communismo Libertario», que o governo claudicante persegue, na pessoa de seus divulgadores.

Os jornaes publicam o seguinte telegramma:

«Communico que desde hontem «foram supprimidos das tabellas «os preços maximos para o com- «mercio em grosso o varejo desta «capital os seguintes artigos: al- «cool, arroz, batatas, café, carne «de porco fresca e salgada, carne «secca ou xarque, farinha de tri- «go, feijão, lenha, manteiga, mas- «sas, milho, pão e toucinho. — «Saudações. Dulphe Pinheiro Ma- «chado, Superintendente do Abas- «tecimento.»

Vão com vistas ao dr. *Leo Dutra* que, nos seus substanciaes artigos sobre a carestia, diz que o governo *póde remediar* o mal.

Bastou a grita dos exploradores para annullar a tabella já de si bastante condescendente.

E' o caso: *fica ahi p'ra ir dizendo*...

Federação Operaria DO Rio Grande do Sul

Séde: Porto Alegre — Rua Commendador Azevedo, 30

Conforme ficou assentado, numa das ultimas sessões plenarias, realizar-se-á no dia 1º de Maio, um grande comicio interno, ás 9 horas da manhã. Em seguida far-se-á uma passeata para uma chacara fóra da cidade.

Em todos logares onde ha operarios conscientes no dia 1.º de Maio nenhuma machina, nada se move

O CONGRESSO OPERARIO

Vae realisar-se o 3.º Congresso Operario.

E vae realisar-se, precisamente numa quadra em que o proletariado anda excitado pelos muitos problemas a resolver, que o preoccupam.

Melhor opportunidade não poderia ser desejada. Não ha classe trabalhadora, seja qual for o seu mistér, tanto na capital como nos Estados, nas cidades ou nos Campos, que não sinta a anormalidade social, fructo do desiquilibrio economico com que nos brindou o «após a guerra».

As greves se sucedem, espontaneamente e imprevistamente, por todo o paiz, o que deve convencer os nossos criticos politicos de que a questão social existe no Brazil com as mesmas causas e nas mesmas circumstancias das dos outros paizes.

Se ha annos atraz era explicavel a critica contestando a sua existencia entre nós, hoje, com os factos que têm assignalado a vida politica do paiz, será rematada cretinisse persistir na mesma affirmativa.

A questão social no Brazil já não é apenas um estudo livresco de uma philosophia. Ella já se manifestou no âmago da nossa vida politico-social e entrou no dominio da vida nacional. Já não é um estudo de uma questão ulterior. E' um problema a estudar e a resolver e continuar a taxal-o de «extrangeirismo», já não é apenas um erro — é um crime contra a soberania de um povo livre e estudioso.

Que as classes conservadoras se inclinem ante os factos consumados, habituando-se a respeitar um inimigo que dia a dia mais se affirma.

O 3.º Congresso Operario, que abrirá as suas sessões este mez, mostrará ao paiz que existe uma facção ou, melhor, uma classe da nossa sociedade que se propõe resolver os problemas nacionaes para o que tem ideias e programma definidos e pelo que, depois, não será licito a quem quer que seja desconhecer-lhe os direitos de adversario.

A's classes trabalhadoras com- [illegible] o que são e o que mandar[illegible] e nenhuma tem o direito de julgar-se isentada do compromisso em tomar parte no congresso, dadas as condições em que elle é organizado. A Federação dos T. R. V., sua organisadora, declarou que o lema do congresso era — «acima de tudo está a unificação do proletariado do Brazil».

E a commissão organisadora nos seus convites não cogitou saber da orientação de cada classe ou grupo de trabalhadores, estabelecendo apenas a condição de que os delegados representem organisações profissionaes de trabalhadores assalariados.

Deante disto não pode haver organisação operaria, desde que tenha uma causa a defender, que negue a sua adhesão, sob pena de incorrer num attentado contra a unidade da classe operaria.

Vae realisar-se o 3.º Congresso operario e pela segunda vez se vae tentar organisar a C. G. T. do Brazil.

Aos desejos sentidos, á boa vontade manifestada, accresce salientar que esta iniciativa, num paiz onde o movimento operario não conseguiu ainda tomar a posição estavel e definida, deve de ser objecto de um apurado estudo de reflexão em torno da sua realidade effectiva e a experiencia dos fracassos succedidos deve fornecer elemento de discussão que muito pode importar para refazer a idéa do congresso no que escapou á observação dos primeiros que metteram hombros á realisação deste desiderato.

E tudo deve partir do principio de que a organisação operaria é consequencia de um phenomeno materialistico-economico e a sua marcha ascendente, no campo da luta, não se opera em virtude de um raciocinio ideologo-philosophico que é um outro campo de luta, embora homogeneo, porém inscripto. E o que não seja dentro deste criterio será um erro, sob todos os pontos de vista, cujo prejuizo se estenderá a qualquer dos lados por que se encare a nossa questão.

O 3.º Congresso Operario demonstrará que a luta economico-social no Brazil não é obra de meia duzia de «extrangeiros» de «cerebro esquentado» e que nella estão interessadas as classes que fazem o patrimonio do paiz. Os extrangeiros que se acham envolvidos nessa luta é porque renunciaram ao «nacionalismo» de seus paizes de origem pelas condições de vida que aqui crearam. E o extrangeiro proletario que ainda alimenta a ideia de sua patria, julga-se aqui accidentalmente pelo que o seu proprio interesse material o affasta da nossa luta.

Tudo isto o 3.º Congresso Operario demonstrará e a sua significação é tão elevada, tão promissora aos interesses do operariado, que estabelece a todas as classes trabalhadoras o dever de collocarem o Congresso acima de toda e qualquer desintelligencia existente em nosso meio.

Izidoro Augusto

AOS GRAPHICOS

Para criticar os erros e a inercia, commettidos pelos graphicos daqui citarei, em primeiro lugar, as condições de ordem economica e moral da classe graphica em paizes onde os trabalhadores estão num plano superior ás nossas condições de vida em todos os pontos de vista imaginaveis.

E, quando as federações graphicas de Espapha decretaram a «censura vermelha» contra a imprensa capitalista, solidarizando-se com as demais classes laboriosas, obtiveram galhardos e efficazes resultados.

Foram além da espectativa; nunca se solidarizaram tanto os trabalhadores de Espanha, como no momento em que os graphicos começaram a manejar esta poderosa arma que consiste simplesmente em não compor noticias, artigos, leis, ou outras quaesquer puplicações que, prejudicassem os trabalhadores.

Esta tactica de luta, cimentou e solidarizou as organizações do syndicalismo revolucionario na Espanha; transpoz as fronteiras d'este paiz, e, ao ser conhecida pela collectividade graphica organizada da Repulica Argentina, esta, resolvera immediatamente adoptal-a, como arma defensiva e offensiva.

—

Julgo necessario fazer uso do methodo comparativo, para fazer luz no caso, senão para todos, ao menos para a maioria; tendo em conta que só conhecem este meio acanhado, miseravel e conservador em que vegetam; surdos, indifferentes ao fluxo e refluxo internacional; sujeitando-se aos mais torpes e revoltantes despotismos patronaes.

Os salarios, haja ou não, trabalho em abundancia, são tão mesquinhos, quanto imaginar se possa.

Em lugares onde os trabalhadores graphicos já impuzeram condições para o trabalho, conseguiram abolir o mesmo por obra, trabalhando-se exclusivamente por dia; e mais, a implantação do salario minimo; aboliram o serão, ou seja, o trabalho depois das horas estipuladas; si os graphicos, aqui, toleram esse absurdo, é por covardia, ou porque não ganham o sufficiente!

Convem, resaltar aqui, que devido ao excesso de trabalho, morreram tuberculosos alguns typographos, e sei de outros, que estão pelas caronas, de tanto dinheiro que ganharam!

O trabalho por obra, tem a mesma desvantagem.

A' luta graphicos! A conquistar um pouco mais, do muito a que temos direito!

—

Teremos que abolir, tambem, dois aviltantes abusos, que são: — 1.o, varias casas, só realizam o pagamento, horas depois de terminado o trabalho, quando este deve ser feito, dentro das horas de trabalho; o segundo abuso é o terem que supportar os improperios, a grita dos patrões no recinto do trabalho, sem que, até agora houvesse um gesto collectivo de protesto, capaz de por fim a estes abusos.

Graphicos; os nossos collegas de outros lugares, não são mais homens do que nós e, entretanto, nos causam inveja.

E porque? — porque conquistaram audaciosamente melhorias e se conservam unidos — porque só solidarios teem conseguido manter o conquistado e vencerem novas etapas.

A's armas, graphicos, para reprimir abusos e conquistar melhorias economicas, que se já não as gozamos é porque estamos cochilando.

(Continúa)

Lysis de Lyz

Zur Steuer der Wahrheit.

Wegen Raummangel sind folgende Berichte in der letzten Nummer des «Syndicalista» zuürckgestellt worden:

In der Mitgliederversammlung vom 17. Januar 1920 des Allg. Arb.-Vereins, wurde beschlossen, ein Protestflugblatt gegen den in Paris zusammengeflickten Gewaltfrieden zu veröffentlichen. Da der Vorsitzende A. Borg sich als unfähig bezeichnete, wurde auf besonderen Wunsch von Borg, ich mit der Abfassung obigen Flugblatts betraut, worauf ich mich bereit erklärte, dasselbe zu verfassen, selbstverständlich nach meiner Gesinnung, womit sich die Versammlung einverstanden erklärte.

In einer darauffolgenden Vorstandssitzung wollte der Vorsitzende Borg und der Schriftführer Albrecht an dem von mir entworfenen Manuskript Streichungen vornehmen, womit ich mir, auf Grund meiner Erklärung in der beschliessenden Versammlung nicht einverstanden erklärte. Einige Vorstandsmitglieder wollten, um zu schlichten, die Angelegenheit der nächsten Versammlung zur nochmaligen Beschlussfassung vorgelegt wissen.

In der darauffolgenden Woche kam ich mit weiteren sieben Mitgliedern zusammen und wurden wir uns einig, das Flugblatt sofort im Namen einer revolutionären Propaganda-Gruppe herauszugeben und die Kosten selbst zu tragen, was dann auch geschah.

Wegen dieses Flugblatts wurde ich und noch zwei Genossen, welche sich solidarisch erklärten, aus den Verein, mit 7 gegen 6 Stimmen, ausgeschlossen. Bei der Abstimmung ging es interessant zu; es wurden mit Stimmzettel abgestimmt; für den Ausschluss 5, gegen 7, weiss 2 — also der Ausschluss war abgelehnt. Jetzt war für den Vorstand guter Rat teuer. Nach der Aufzählung der Zettel, — 14 mussten es sein, — da hatte schnell einer der Herren am grünen Tisch noch einen Zettel untergeschoben; jetzt war die Wahl ungiltig, denn es war ein Zettel mehr als Wähler vorhanden. Bei der dann erfolgten öffentlichen Abstimmung wieder obiges Resultat.

Warum bin ich nun ausgeschlossen worden? Wegen das Fluglatt? Nein! Das war nur der gesuchte Grund!

Die Herren vom «Allg. Arb. Verein» wollen nämlich ein Haus bauen, um dabei zu verdienen: haben aber kein Geld; nun will man die hiesigen deutschen Kapitalisten plündern, und dazu war ich im Wege und musste abgeschoben werden. Beweiss: — In der Vorstandsitzung erklärte der Kassierer R. Kolbe wie folgt: «Ich war zusammen mit W. Büttner in Kommission bei den Brauereibesitzern um Baugelder zu borgen. Einer der Besitzer der «Brauerei Becker» erklärte: «Solange der Kniestedt bei euch eine Rolle spielt werdet ihr für euren Verein nicht viel Geld bekommen.» Andere sollen ähnliche Erklärungen abgegeben haben. Am selbigen Tage verlangte der Vorsitzende, ich sollte mein Amt als Baufondkassierer niederlegen, was ich ablehnte; darum musste man einen Grund zum Ausschluss suchen. Dass ich den Herren Oberausbeutern unbequem bin, freut mich, dadurch wird nur bestätigt, dass ich auf dem richtigen Wege bin.

Am Dienstag den 10. Februar, bringt der Schriftführer Otto Albrecht im Blatte seines werten Freundes, im heuchlerischen Jesuiten-«Volksblatt», ein Eingesand. Von dem Grundsatz ausgehend, wer Dreck angreift besudelt sich, will ich den Unrat, zum Gaudium der Gegner der Arbeiterklasse, nicht aufwühlen, nur einige kleine Fragen will ich an den Einsender selbst richten.

Warum haben sie, beim Zitieren des Art. Nr. 1, Absatz II vergessen, dass der Arbeiterverein auch Streikunterstützung zahlt? Warum wollen sie den Jesuiten vom «Volksblatt» und den Lesern vorlügen, der «Arbeiterverein» sei nicht politisch? Der 1892 gegründete «Allg. Arb.-Verein» war bis jetzt eine sozialdemokratische Organisation! Beweise: 1.) Seine Bibliothek; 2.) revolutionäre Fahne (die einzige in Porto Alegre); 3.) die Bilder von Marx, Engels, Lassale; 4.) das Flugblatt beim Ausbruch des Krieges; 5.) sind auf Antrag des jetzigen Vorsitzenden das hamburger «Echo» und die «Freiheit» bestellt worden; 6.) Beteiligte sich der Verein mit der Fahne bei jeder Maifeier; 7.) War er bis zum 1. März 1920 der revolutionären syndikalistischen «Federação Operaria» angeschlossen und zahlte zur Propaganda per Mitglied und Monat 100 Rs.; 8.) unterstützte der Verein aus seiner Kasse den revolutionären «O Syndicalista», usw.

Freilich ist das jetzt anders; von der «Federação Operaria» ausgeschlossen, das Prinzip verraten, verkauft, wandelt der Verein jetzt andere Wege. Traurig aber wahr!

* * *

Soeben wird mir mitgeteilt, dass vor einigen Wochen, im Auftrage des «Allg. Arb. Vereins», eine Kommission bei den Kapitalisten die ihnen für den Gesinnungswechsel zustehende Belohnung einkassieren war. Auch ein Zeichen der Zeit!

Arbeiter, öffnet die Augen! Hütet euch vor euren sogenannten «Freunden», den Feinden. Vorwärts trotz alledem, und alledem!

FR. KNIESTEDT.

* * *

Am Sonnabend, den 28. Februar 1920, fanden sich in der «Federação Operaria», Rua Commendador Azevedo Nr. 30, eine Anzahl deutschsprechender sozialistischen Arbeiter zusammen, um einen Verein zur Vertretung der Interessen des deutschsprechenden Proletariats zu gründen.

Nach eingehender Debatte wurde der «Sozialistische Arbeiter-Verein Porto Alegre» gegründet. Auf den Zweck und die Aufgaben des Vereins kommen wir in nächster Nr. zu sprechen.

Auf Antrag des Genossen Fr. Kniestedt wurde beschlossen, mit dem Präsidenten-System zu brechen. In die Leitung wurden ernannt: Als Sekretär, Gen. G. Köppen; als Kassierer, Gen. van der Brock; als Delegierter bei der «Federação Operaria», Gen. P. Mayer; als Beisitzende, die Genossen I. Arahnisch und T. Pelzer. In die Zeitungskommission die Gen. H. Damian, Pelzer und Kniestedt.

Versammlungen finden jeden Sonnabend, 8 Uhr abends, in der Rua Commendador Azevedo Nr. 30 statt.

* * *

In der Versammlung vom 7. März wurde nach Verlesung des Protokolls beschlossen, eine Zeitung vorläufig im kleinen Format zur Vertretung der Interessen der Arbeiter-Klasse, unter dem Namen «Der freie Arbeiter», herauszugeben. Als Redakteur wurde Genosse Franz Guttmann ernannt.

Beim zweiten Punkt der Tagesordnung kam der Leiter der Versammlung, Gen. H. Damian, auf den Kongress zu sprechen. Nach längerer Debatte, an der sich fast alle Genossen beteiligten, wurde beschlossen den Kongress zu beschicken, und wurde Genosse Peter Mayer als Delegierter bestimmt.

In Vereinsangelegenheiten, wurde auf Antrag der Genossen Van der Brock und Pelzer beschlossen, die Handlanger der Kapitalisten und kleinen Kleffer vom «Allg. Arb.-Verein» auf ihre Anrempelungen in boykottierten Zeitungen vom Verein aus nicht zu antworten. Darauf Schluss der Versammlung. — Der Schriftführer: G. KOEPPEN.

P. S. — Deutschsprechende Arbeiter! Kauft den am 1. Mai erscheinenden «Freien Arbeiter».

OS SUCCESSOS DO RIO

O governo brasileiro para defender os capitalistas inglezes manda fuzilar os operarios brazileiros

Um artigo do dr. Mauricio de Lacerda

Os successos ultimamente desenrolados no Rio e S. Paulo, em consequencia da greve dos operarios da companhia ingleza „Leopoldina Railway", mais uma vez evidenciaram o valor das leis escriptas e a importancia dos direitos consignados na Constituição da Republica.

O governo, francamente ao lado dos capitalistas extrangeiros que aqui aportam unicamente com o fim de explorar o trabalho nacional, não trepidou em saltar por cima dos mais comesinhos principios de direito para suffocar a expontanea manifestação do operariado brasileiro em solidariedade com os grevistas da „Leopoldina".

Sem, siquer se mascarou com a capa negra do estado de sitio, com a qual todos os governos descem ao absolutismo czaresco, o governo do ridiculo embaixador brasileiro á Conferencia da Paz, annullou os direitos de associação e de reunião, a inviolabilidade do lar, a liberdade de imprensa e de pensamento, — lançando a horda de seus sequazes, com poderes discrecionarios, contra os trabalhadores nacionaes.

Os operarios brasileiros mais uma vez tiveram bem patente o conceito que de si fazem os seus governantes. Para justificar ou desculpar as infamias commettidas o invalido presidente da Republica mandou trombetear pelos seus doceis alguazis que o movimento éra insuflado por *extrangeiros*, passando, assim, a nós, brasileiros, um attestado de ignorancia, inconsciencia e incapacidade, que indubitavelmente melhor assentaria aos importadores do general Gamelinha. Mas é esse um recurso estafadissimo de que todos os tyrannos já se têm utilisado e que hoje só os ainda muito imbecis delle lançam mão.

O que o governo brasileiro quiz foi defender, *á outranse*, o capital inglez *em perigo* pela declamação que os grevistas nacionaes faziam de mais alguns vintens no seu miseravel salario.

E para isso o governo não vacillou e, a ferro e fogo, lançando mão dos janizaros pagos e armados com dinheiro do povo, suffocou infamemente a greve geral de solidariedade com os grevistas da «Leopoldina Railway».

Mais uma vez o sangue operario foi derramado no sólo brasileiro, preparando o terreno em que hade germinar a semente da mais santa das revoltas contra o arbitrio, contra a injustiça, contra a violencia e contra os negregados protectores dos vis esfomeadores do povo.

Quem semeia ventos colherá tempestades...

«TUDO CLARO

O governo do sr. Epitacio deixou cahir a dupla mascara do nacionalismo e do socialismo.

Os que assim o saudavam esperançosos de alguem em sua vaidosa pessoa, devem estar desilludidos totalmente.

O socialista negou o direito de gréve e o de associação; o nacionalista alliou-se ao capitalismo estrangeiro contra o trabalhador nacional. Este ultimo levantou-se dentro da ordem e da lei para reclamar do patrão estrangeiro uma pequena melhoria no seu contrato de trabalho. Antes de todos os seus pedidos encontravam a marmorea surdez dos seus directores e do proprio governo.

Recorreram, pois, á acção directa, á gréve.

A companhia não lhes negou razão, assim tambem o governo. Era fatal serem attendidos.

Como frustrar a vez aos operarios?

Muito facilmente.

O governo negociaria, e negociando ficaria até cançar os grévistas.

Estes exaustos voltariam ao serviço e então a gréve sendo dada por finda, tudo seria restabelecido de accôrdo com os patrões, em prejuizo dos operarios que ficariam no «óra veja».

Para melhor assegurar o plano o governo ajudaria a companhia a fingir que trafegava, e a começou a servir gratuitamente com o pessoal militar.

No ultimo dia, a ultima hora da maromba, a companhia pagou na imprensa o annuncio de que a greve estava terminada e o ministro, naturalmente continuando a servil-a de graça, repetio a declaração mandando em seguida os operarios com a sua gréve e seus accôrdos ás favas, sinão a melhor lugar ou endereço.

Foi, então, que as demais classes, dando conta da alta trahição de que o governo se fizéra instrumento como sempre docil, e da ameaça que a sua attitude solidaria com a companhia contra o direito de gréve representava a cada uma, se ergueram num protesto geral grévista.

O governo poderia ter evitado a greve da Leopoldina, não o fez, antes a provocou com suas artimanhas favoraveis no fundo á companhia.

Poderia ter evitado o seu alastramento ás demais classes. Não o fez. Antes tambem o provocou com a intempestiva e inépta nota de guerra do gabinete presidencial, intransigente e dura como uma estupidez de lei.

Parecia mesmo, contrariamente a seu dever, que estava provocando a manifestação generalisada do operariado.

Por que? Para que?

E' o que se está agora vendo claro.

O movimento veiu em apoio da Leopoldina. O governo como qualquer mercenario della fez dizer que na Leopoldina não havia mais gre- [illegible], para que então toda gente acreditasse no mysterio das origens duma greve geral, e nesse mysterio elle fizesse o contrabando da sua grosseira mentira official, de que se tratava duma revolução social.

A greve, porém, corria pacifica e bem clara.

Todas as classes, em ordem, deixavam o trabalho e convidavam as demais a imital-as. Faziam propaganda da gréve, o que era um direito dentro de outro direito.

Assim, duplamente escudadas, pensavam em dar a sua manifestação collectiva toda amplitude desejavel, para o que a condição primeira era não attrahir as violencias do governo que a impediria.

O governo enfiou com a marcha dos acontecimentos. Estava por sua vez roubada. Os planos iriam falhar.

Atirou, num ultimo arranco, a sua policia ás ruas, prendeu, espancou, aggrediu.

Ninguem reagiu, porém.

Os intentos provocadores lá se iam... não havia meio de provocar barulho.

Estavam convocadas assembléas de associações hontem. O governo não vacillou. Ia invadil-as para dar assim um ar de tumulto.

E' verdade que ellas eram associações regulares, a sua reunião estava convocada pelos jornaes, eriam publicas e francas, o que difficultaria a crença de que fossem conspiratorias.

O governo, no plano sinistro, não se deteve porém.

Arremetteu contra ellas, decretou uma revolução no papel, e foi recrutar os revolucionarios entre as associações publicamente reunidas e com publica antecedencia convocadas, os quaes, surprehendidos, não só não resistiram á prisão arbitraria feita em massa avultada, de todos os presentes, como estavam todos desarmados. E a farra policial terminou durante a noite, recheando até mais não caber, sem uma só resistencia ao acto de força exercido collectivamente sobre multidões, que caracterisasse o animo revolucionario das massas operarias.

Mas o governo tinha dado uma nota que havia uma revolução e estava acabado, havia mesmo...

Era o tremor convulso do medo ou da aura comicial de um furor que fazia vêr tudo agitado ao chefe da Nação.

Assim pela segunda vez na Republica o chefe de estado depois de ter zombado da razão e do direito de muitos mil brasileiros, gerava uma commoção intestina em seus miólos *faisandés* pela invalidez por decreto, para descarregar um golpe habil a seus planos politicos.

Da primeira vez foi no Ceará um povo inteiro submettido a torturas e cheio de direito que no fim facultou ao Executivo propinar a nação ao seu lado o maior «sitio» do regimen, para que fosse victorioso o partido então dominante.

A nação inteira foi suffocada nesse seu gesto de nobre e desinteressada solidariedade moral com os cearenses.

Agora, o Presidente, deante de ainda mais nobre e desinteressada solidariedade moral dos operarios para com seus irmãos protegidos pela razão e o direito conforme a opinião nacional brasileira, fantasia uma revolução no intuito de por um golpe de força denegar justiça aos grevistas da Leopoldina e prestar um favor aos socios de seus ministros e do seu bandalhissimo governo, podre de negocios, como o do ferro, o dos navios, o dos chapéos, o das botinas... *et des meilleurs.*

E é isso que encontra écco em alguns jornaes, alguns delles de imprevista mancebia com o Presidente contra quem pediam aos soldados na intervenção bahiana que voltassem as suas armas.

Ali não houve nem prisões de redactores, como os da «Voz do Povo», nem foi considerado sedicioso o instante. Aqui onde operarios desarmados se reunem pacificamente em gréve, ha tudo, o mundo vem abaixo e mestre Pita deita, empafia.

Ora pilulas!...

O que o Presidente architectou foi isso mesmo. Uma gréve volumosa para acabar a porrête com as associações e iniciar as perseguições em grosso aos operarios.

Teve o que queria. Agiu para tel-a. Agora aproveita. Desce o páo, mette a espada, prende e calumnia os presos, como revoltosos.

E' um villão!

Hontem apregoava contra um embuste de Floriano, com todo ardor, os sagrados direitos da democracia, hoje de vara na mão faz, como diz o brocardo, o villão: lança num embuste o golpe de morte contra os humildes, protegidos pelos mesmissimos direitos que a Republica não doou ao sr. Epitacio e sua grei mas ao povo inteiro.

Que nos espera?

O presidente quer ver se faz a bravata sem o sitio.

Ora, era preciso que não houvessem juizes no Brasil ou que elles todos fossem aposentados de corpo e alma como certos conhecidos.

O Habeas-corpus é a espada da lei que os operarios desembainharão contra o facão dos soldados. Nesse duello só se a justiça tiver fallido levará o sr. Epitacio á meta desejada o seu crime contra a Constituição. E o seu juiz será sempre a opinião que a imprensa independente irá esclarecendo, para que lhe fórme a culpa.

No fim ha de ser humilde como um réo, na sombria consciencia de um banditismo politico, que esse presidente se sentará ao banco da eternidade onde o virá a julgar a historia.

Mauricio de Lacerda

Operarios! Vinde no dia 1.º de Maio á séde da Federação Operaria associar-vos ao protesto do dia!